

SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA CIENTÍFICA NACIONAL

João Paulo Zerbinati – joaopaulozerbinati@hotmail.com

Discente do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP/Araraquara

Maria Alves de Toledo Bruns – toledobruns@uol.com

Docente e Pesquisadora do programa de pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras-USP/Ribeirão Preto e Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras-UNESP/Araraquara

RESUMO: A discussão acerca da sexualidade no contexto da educação envolve a prática de projetos abrangentes que visam oferecer espaços para reflexões emancipatórias relacionadas aos fenômenos afetivo-sexuais. Do caráter informativo até a problematização da sexualidade e do gênero, a educação sexual é disciplina em evidência na contemporaneidade por sua necessidade histórica, política, social e humana. Contudo é também fato histórico seu enfrentamento a forte resistência, que continua mesmo em pleno século XXI. Neste contexto, este trabalho objetiva investigar as pesquisas a respeito da sexualidade na interface com a educação, apresentando e discutindo o perfil dos artigos científicos nacionais, publicados nos últimos cinco anos, tendo tal temática em evidência. Para isso, foi utilizado o método de revisão sistemática e meta-análise, que possibilitou uma investigação detalhada, abrangente e relevante sobre o fenômeno indagado. Foram 47 artigos elegidos e categorizados para discussão a partir de eixos temáticos elencados após a leitura do material encontrado, a saber: (1) Investigação Teórica; (2) Revisão do Conhecimento Produzido; (3) Família e Educação Sexual; (4) O Olhar do Profissional; (5) A Dimensão dos Alunos; (6) Sexualidade e Prática Educativa. Esta revisão possibilitou compreender notórios avanços reflexivos, multidisciplinares, políticos, sociais, teóricos e práticos da educação sexual. Entretanto, apontam-se horizontes em que há muito a caminhar para se chegar a real e permanente inclusão da diversidade afetivo-sexual no ambiente educacional e na sociedade de um modo geral. Obtêm-se como desafio contemporâneo a formação e formação continuada, sobretudo dos profissionais da educação e da saúde cuja práxis emerge ao contato com tais aspectos da pluralidade afetivo-sexual. Tornando possível a promoção de delicadas estratégias para pertinentes diálogos com as demais matrizes de significados da vivência humana, como família, igreja, Estado e mídia.

PALAVRAS-CHAVE: sexualidade; educação; educação sexual; revisão sistemática.

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade é aspecto discursivo qualificado como fundamental no processo de construção da identidade, abarcando possibilidades ao desenvolvimento humano que não se reduzem ao ato sexual ou potencialidade reprodutiva, mas se relacionam com plurais experiências vinculares e afetivo-sexuais durante toda a vida humana. Nesse sentido, segundo Merleau-Ponty (2006, p.57), a “sexualidade é algo que perpassa toda a existência e é, principalmente, uma possibilidade de ser-no-mundo físico e inter-humano”.

A sexualidade é o que faz com que o homem¹ tenha uma história. Se a história sexual de um homem dá a chave de sua vida, é porque na sexualidade do homem se projeta sua maneira de ser em relação ao mundo, isto é, com relação ao tempo e aos outros homens (Merleau-Ponty, 2006, p.219).

A sexualidade compreendida como inerente à existência é dialeticamente construída em acordo com o momento histórico-sócio-cultural de cada sociedade e se desvela no mundo vivido de cada sujeito no decorrer de sua vivência, inclusive educacional, sendo a escola e a universidade, inevitavelmente, ambientes também permeados pela sexualidade.

Nesse contexto, a sexualidade começou adentrar os muros da educação ainda na década de 1960, momento em que houve iniciais propostas governamentais para levar à escola a discussão a respeito da sexualidade, sobretudo seus aspectos biológicos (VIANNA e UNBEHAUM, 2006). Entretanto, foi somente a partir de 1990 que essa proposta ganhou força ao ser assumida enquanto necessidade na agenda educacional devido ao recrudescimento da gravidez na adolescência e doenças sexualmente transmissíveis (FIGUEIRÓ, 1998).

Atualmente, discutir com alunos no ambiente escolar acerca da sexualidade é uma prática garantida por documentos nacionais e internacionais (SFAIRS *et al.*, 2015). Com base nas diretrizes dos direitos humanos, a educação sexual visa muito além do ensino sobre a sexualidade propriamente dita, mas abrange toda e qualquer temática que tenha relação com a afetividade, erotismo, sexualidade, desenvolvimento afetivo-sexual, enfim toda diversidade presente nos vínculos e relacionamentos humanos (BRUNS; GRASSI; FRANÇA, 1995).

A escola foi convidada a permanecer em alerta para as questões de gênero e sexualidade, problematizando a reprodução de estereótipos, discriminação e estigmatização por conta de qualquer condição afetivo-sexual, desenvolvendo modalidades didáticas e instrumentos para incentivar uma horizontalidade nas relações de gênero, assim como a prática do respeito, da ética e das relações humanas de um modo geral (SANTOS; BRUNS, 2000; SOUZA-LEITE; BRUNS, 2012; SOUZA; SILVA; SANTOS, 2015).

Nessa perspectiva, o debate da temática sexualidade na educação se tornou cada vez mais oportuno, entretanto a educação sexual na atualidade corre risco de extinção ao ser constantemente atacada por movimentos populares e políticos conservadores que compreendem a educação sexual como desnecessária, moralmente inaceitável, desconsiderando sua categoria científica. Esse posicionamento tem origem na repressão sexual, principalmente associada aos discursos religiosos arcaicos e conservadores, questão histórica que demarca deste o a antiguidade embates entre o

¹ Homem aqui representa uma categoria ampla de sujeito, que se revela enquanto “ser no mundo”. Não se reduz ao sexo ou gênero masculino.

divino e o profano, sendo a sexualidade relacionada ao pecado (CHAUÍ, 1984; COSTA, 1998; FOUCAULT, 2015; GONINI; RIBEIRO, 2015; ZERBINATI e BRUNS, 2016).

Entre a necessidade de diálogos emancipatórios e a resistência conservadora, quais perspectivas e por quais caminhos trafegam as pesquisas que contemplam a temática da sexualidade e educação? A partir de tais indagações, este trabalho apresenta o perfil das publicações científicas nacionais que investigaram a respeito da sexualidade na interface com a educação nos últimos cinco anos.

2 MÉTODO

Este levantamento bibliográfico foi realizado de acordo com o método de Revisões Sistemáticas e Meta-Análise proposto por Uman (2011). Optou-se pela realização da uma revisão sistemática por ser um método de investigação detalhado e abrangente para identificação, análise e síntese das produções científicas, possibilitando um estudo relevante sobre o fenômeno indagado. A revisão sistemática foi composta por: (1) Formulação da pergunta; (2) Definição de critérios de inclusão e exclusão; (3) Estratégia de busca e localização dos estudos; (4) Seleção dos estudos; (5) Extração dos dados; (6) Avaliação da qualidade do estudo; (7) Análise e interpretação dos resultados; (8) Discussão e Considerações Finais.

Foi realizada uma busca no período de março de 2017, abrangendo dois grandes bancos de dados eletrônicos que contemplam extensa literatura, a saber: SciELO (Scientific Electronic Library Online), e Bireme (Biblioteca Regional de Medicina). Para busca dos artigos foi utilizado o descritor Educação, combinado com Sexualidade.

Os critérios de inclusão foram: (1) todos os artigos completos disponíveis; (2) publicados nos últimos cinco anos; e (3) nacionais. Foram excluídos os artigos não relacionados à temática e os duplicados.

A partir da seleção dos artigos, primeiro os resumos encontrados foram analisados pelos autores, de forma independente, e posteriormente os artigos foram lidos na íntegra para confirmação quanto à pertinência para este estudo e, por fim, foram discutidos e identificados os eixos temáticos surgidos a partir de suas leituras, acrescentando dados para análise e discussão.

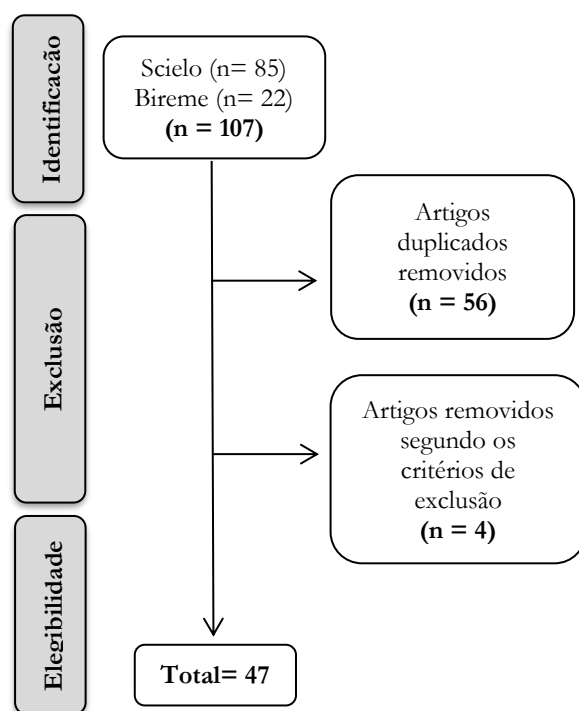
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Figura 1 apresenta o fluxograma de seleção dos estudos e extração dos dados. Foi encontrado um total de 107 artigos (SciELO: 85; Bireme: 22). Nesta etapa inicial foram excluídos 56

artigos repetidos. Com a avaliação dos resumos, foram excluídos quatro artigos não relacionados à proposta deste trabalho, obtendo uma amostra final de 47 artigos.

No Quadro 1 estão representados todos os artigos elegidos para revisão, categorizados a partir de seus principais eixos temáticos: 1- Investigação teórica; 2- Revisão do conhecimento produzido; 3- Família e educação sexual; 4- A Dimensão dos alunos; 5- O olhar do profissional; 6- Sexualidade e prática educativa. Os trabalhos relacionados em mais de uma categoria foram classificados apenas naquela a qual contempla o seu tema central.

Figura 1 – Fluxograma de identificação, exclusão e elegibilidade final dos artigos para revisão sistemática.



Quadro 1 – Categorização dos artigos selecionados para análise (n= 47).

Eixos Temáticos	Descrição	Referências
Investigação teórica	Apresenta os artigos de investigação teórica sobre sexualidade e educação.	Pinho e Pulcino (2016); Motta e Ribeiro (2013).
Revisão do conhecimento produzido	Reuni artigos empenhados em debater o perfil das produções teóricas ou documentais sobre sexualidade para educação.	Pasche e Nascimento (2016); Nicolino e Paraiso (2014); Vianna (2012).
Família e educação sexual	Discute artigos que analisam a abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes.	Nery, et al. (2015).
A dimensão dos alunos	Expõe investigações que objetivam apresentar a compreensão dos educandos	Andres; Jaeger; Goellner (2015); Ferrari (2014); Barros e Colaço (2013); Wenetz;

	sobre temas relacionados à sexualidade, abarcando toda dimensão do que aprende a informação.	Stigger; Meyer (2013); Cedaro; Vilas Boas; Martins et al. (2012).
O olhar do profissional	Apresenta investigações pautadas na compreensão do olhar profissional, seja da educação ou saúde, sobre os temas relacionados à sexualidade.	Gava e Villela (2016); Esperança; Silva; Neves (2015); Gresser; Oltramari; Panisson (2015); Lima, et al. (2015); Madureira e Branco (2015); Maia, et al. (2015); Souza; Moraes; Oliveira (2015); Ciaffone e Gesser (2014); Medeiros, et al. (2014); Silva e Soares (2014); Rufino; Madeiro; Girao (2013); Quirino e Rocha (2012).
Sexualidade e prática educativa	Apresenta experiências práticas no âmbito educacional tendo a sexualidade como objeto para reflexão.	Oliveira et al. (2016); Zanatta, et al. (2016); Bortolini (2015); Dornelles e Dal'igna (2015); Palma, et al. (2015); Silva (2015); Cunha e Lima (2013); Maia et al. (2012); Marcon; Prudencio; Gesser (2016); Murta, et al (2012); Russo; Arreguy (2015); Silva, (2015); Viero, et al. (2015); Oliveira, e Diniz (2014); Xavier Filha (2014); Quirino, e Rocha (2013); Seffner (2013); Valli e Cogo (2013); Ferrari e Almeida (2012); Gesser, <i>et al.</i> (2012); Nardi e Quartiero (2012); Progianti e Costa (2012); Sousa, et al. (2012); Santos Matthiesen (2012).

Eixos Temáticos

Investigação teórica (n=2)

Os estudos teóricos analisados apresentam discussões sobre a possibilidade de incorporação da teoria *queer* para educação. A teoria *queer*, como compreende sua precursora Butler (2014), é um movimento contemporâneo que separa sexualidade de gênero, compreendendo gênero além do binarismo reducionista heteronormativo para o sexo e o gênero.

A dissonância entre gênero e sexualidade é, assim, afirmada a partir de duas diferentes perspectivas: uma pretende demonstrar possibilidades para a sexualidade que não estejam coagidas pelo gênero, de modo a romper a causalidade reducionista de argumentos que os vincula; a outra procura mostrar possibilidades para o gênero que não estejam pré-determinadas por formas da heterossexualidade hegemônica (Butler, 2014 p.270).

Neste sentido, Pinho e Pulcino (2016); Motta e Ribeiro (2013, p.1695), acreditam que o auxílio *queer* pode trazer ferramentas potentes ao ensino em saúde e em sexualidade, problematizando e desconstruindo a naturalização e binarismo de sexo e gênero pautados em práticas heteronormativas, trabalhando com a real inclusão do diverso para uma sociedade mais equânime. Uma estratégia pedagógica com potencial para promover movimento aos currículos enrijecidos e fechados às posturas inclusivas e acolhedoras da diversidade.

Nota-se que a perspectiva teórica *queer*, assim como a teoria pós-estruturalista a partir de Foucault (1926-1985), de um modo geral, é referencial base na grande maioria dos artigos analisados por este estudo, ou minimamente corresponde discurso referendado e dialogado.

Revisão do conhecimento produzido (n=3)

Nicolino e Paraíso (2014) analisaram dissertações e teses que abordavam a temática da educação e sexualidade em Goiás e compreendem que os estudos se dividiam principalmente entre às áreas da saúde e da educação, com diferenças significativas quanto à perspectiva ensinada. As produções referentes à área da saúde priorizavam majoritariamente temáticas epidemiológicas e médicas, focalizando intervenções frente à gravidez indesejada, à infecção por HIV/AIDS e ao uso de drogas. Já quanto a educação, discutia-se a dificuldade da inserção da educação sexual no ambiente educacional, assim como a necessidade de educação continuada aos profissionais para que pudessem dialogar com os alunos acerca de temas como gênero, sexualidade, relacionamento afetivo-sexual, na interface com o discurso familiar, religioso, midiático, epidemiológico, na tentativa de avançar a uma compreensão integral e crítica, assim como romper com o silenciamento enraizado culturalmente, principalmente por conta do discurso religioso.

Neste mesmo objetivo de revisão, Vianna (2012) apresenta um levantamento da produção acadêmica sobre a introdução do conceito do gênero e sexualidade nas políticas públicas educacionais brasileiras entre 1990 e 2009, momento em que tais perspectivas ainda eram tímidas e iniciais. O autor compreende que as produções obtinham fundamentação teórica, acima de tudo, na teoria *queer*, influenciando as produções e reflexões acadêmicas e políticas da época.

Seja no passado ou no presente, mesmo com significativos avanços observados nos últimos anos, os autores evidenciam pontos em comum, como a necessidade de sérios investimentos para que a sexualidade possa ser temática integrada no ambiente escolar, possibilitando reflexões críticas, integrais e históricas (PASCHE e NASCIMENTO, 2016). Tais resultados foram corroborados por este estudo e serão mais bem detalhados nos próximos eixos investigativos.

Família e educação sexual (n=1)

A família, do mesmo modo que a escola, é responsável pela transmissão cultural e apresentação do mundo para as crianças, assim como valores e normas sociais. Figueiró (2016) compreende que nessa relação, os pais, diferente da escola, têm “direito” de educar seus filhos de acordo com o que consideram como certo ou errado. Entretanto, diferente da família, a escola não pode defender seu ponto de vista em ordem pessoal, ao contrário disso, deve “criar condições para que o aluno discuta, pense e vá formando, aos poucos, seu posicionamento pessoal” (p.106).

Ainda segundo a autora, pais e educadores poderiam, entretanto, cumprir juntos o papel de educar, e educar sexualmente, ensinando os jovens a refletir de modo crítico tanto a repressão proibicionista quanto a prática automatizada da sexualidade de um modo geral, e de modo integral, não apenas biológico. Neste sentido, a educação sexual deve auxiliar na compreensão multidisciplinar dos fenômenos afetivo-sexuais humanos, pois a sexualidade de modo geral é o modo pelo qual o ser humano entra em contato com o mundo e como se percebe humano, a partir da relação humana e afetiva com seus cuidadores principais. A educação sexual deve ampliar o olhar para além das informações impessoais fisiológicas ou normas sexuais, e deve abranger e atingir discussões emancipatórias sobre corpo, erotismo, prazer, sexo, gênero, e relações afetivo-sexuais, abarcando elementos também subjetivos e humanos (BRUNS; GRASSI; FRANÇA, 1995).

Entretanto, segundo Nery; Feitosa; Sousa; Fernandes (2015), ao analisar o diálogo sobre a sexualidade entre pais e adolescentes, concluem que os pais não estão preparados para abordar a temática sexualidade com seus filhos, fazendo-a de forma superficial. Desse modo, o papel da educação sexual é transferido para a escola e também para os profissionais da saúde, que entram como a última alternativa potente ao esclarecimento das questões ligadas à sexualidade.

Essa compreensão evidencia a necessidade de que a educação ultrapasse os muros da escola e chegue também à família, educando, dialogando, promovendo reflexão, sanando dúvidas, construindo projetos em conjunto e acolhendo as possíveis angústias despertadas no contato com a temática sexual. Ao investir no núcleo das relações afetivas dos alunos, espera-se que a temática sexual possa ser discutida na escola com menos resistência e maiores possibilidades para positivos resultados.

A Dimensão dos Alunos (n=5)

No que diz respeito à compreensão dos alunos, os artigos investigados demonstram compreensões simplistas, pautadas acima de tudo em aspectos biológicos e normas heteronormativas (ANDRES; JAEGER; GOELLNER, 2015; BARROS e COLAÇO, 2013; WENETZ; STIGGER; MEYER, 2013). Contudo, nos alunos, observa-se a disponibilidade latente para aceitar novos posicionamentos, que mesmo às vezes resistentes, na maior parte conseguem acolher novas perspectivas por não terem ainda enrijecido suas compreensões de mundo. Proporcionar reflexões críticas nesses casos aparece como um caminho “extremamente produtivo” para a compreensão integral a respeito da sexualidade, resultando em um maior cuidado com si mesmo e com o outro, desenvolvendo um posicionamento compreensivo e respeitoso para com a diversidade humana, como destaca Andres; Jaeger; Goellner (2015, p.177).

Ferrari (2014) demonstra o quanto à discussão sobre sexualidade na escola é importante ao dimensionar através de um estudo sobre a vivência homoafetiva de uma adolescente que revela um histórico de sofrimento permeado por abusos sexuais e patologização de sua condição afetivo-sexual. Sabe-se que essa vivência não é isolada, assim como ela, muitos jovens demandam à escola e aos professores pedidos de ajuda na esperança de minimizar seu sofrimento.

Além do sofrimento de uma vivência fora da norma pré-estabelecida, há a dificuldade em lidar com a sexualidade também de quem se orienta dentro dos padrões heteronormativos. Assim como discute Cedaro; Vilas Boas; Martins (2012), em um estudo com adolescentes, em que foi verificado comportamento de risco no início de suas vivências sexuais. Independente da orientação sexual, refletir, conhecer, e compreender as temáticas afetivas e sexuais são práticas em que toda sociedade pode se beneficiar pra uma melhor qualidade de vida e educação. Contudo, esse sofrimento que vem de dentro demanda formação especializada tanto de profissionais da educação quanto da saúde, para práticas adequadas e éticas em educação sexual, de acolhimento à diversidade humana.

O Olhar do Profissional (n=12)

Assim como compreende Bruns (2013), o conhecimento é o antídoto para posturas enrijecidas e excludentes da diversidade afetivo-sexual. Formação profissional é novamente destaque, e não apenas para professores e educadores (CIAFFONE e GESSER, 2014), mas também para outros profissionais da saúde como enfermeiros (SOUZA; MORAIS; OLIVEIRA, 2015), psicólogos e psicoterapeutas (BRUNS, 2011), e estudantes do ensino superior das carreiras médicas (MEDEIROS *et al.* 2014; RUFINO; MADEIRO; GIRÃO, 2013). Tais intervenções instrumentalizam, segundo os autores, os profissionais para uma prática potencializadora dos direitos humanos, bem como flexível para acolher e compreender a diversidade humana, e não apenas a afetivo-sexual.

Entretanto, esta temática necessita de especiais cuidados. Gava e Villela (2016), a partir de falas e discussões apresentadas por profissionais da educação, discutem o quanto as políticas para educação sexual são contraditórias quanto ao respeito ao trabalho dos professores e professoras, “pois na prática pressupõem que a responsabilidade pela condução do desenvolvimento da temática em sala de aula é quase exclusivamente do trabalho destes profissionais” (p.161) e muitas vezes não se oferece os instrumentos necessários, como formação teórica e mesmo suporte para lidar com suas próprias angústias ao enveredar pela temática da sexualidade.

Gava e Villela (2016); Madureira e Branco (2015) defendem que a educação para sexualidade deve ser construída na relação entre o professor e o aluno, de modo a ir ao encontro

com suas histórias de vida e necessidades atuais. Nesta perspectiva não é adequado uma imposição pedagógica ou política fechada quanto aos temas a serem trabalhados, o que deve ocorrer é a oferta de ferramentas teóricas, metodológicas e subjetivas para que os profissionais possam enfrentar a realidade específica de cada escola. Sem apoio adequado, o que se observa na prática, ainda segundo os autores, é uma educação sexual impessoal, puramente informativa, não relacional, acrescida de uma dificuldade por parte dos profissionais para separar seus valores pessoais dos valores científicos.

Abarcando tais enfoques, Silva e Neves (2015) encontraram no discurso de docentes de licenciaturas, em uma universidade no Estado do Amazonas, visões moralizadoras e até mesmo patológicas quanto à diversidade afetivo-sexual, em especial a homossexualidade, resultado corroborado por Brancaloni e Oliveira (2015); Gesser; Oltramari; Panisson (2015); Madureira e Branco (2015); Silva e Soares (2014); Quirino e Rocha (2013) que em pesquisas com professores na rede de educação básica em diferentes regiões brasileiras, identificaram concepções preventivistas, heteronormativas, morais e patologizante quanto à diversidade afetivo-sexual, o que fragiliza as ações pedagógicas e as propostas da educação para sexualidade.

A partir de tais resultados, a literatura científica aponta a necessidade da educação sexual ainda na universidade para que os futuros professores, enfermeiros, médicos, psicólogos e demais profissionais cheguem a suas práticas tendo condições e esclarecimento suficiente para compreender e intervir seguindo diretrizes científicas, éticas e políticas voltadas à temática da sexualidade (SANTOS e MATTHIESEN, 2012; GESSER; RUFINO; MADEIRO; GIRÃO, 2013; MEDEIROS *et al.* 2014; CIAFFONE e GESSER, 2014; MAIA *et al.* 2015; OLTRAMARI; PANISSON, 2015; SILVA e NEVES, 2015; GAVA e VILLELA, 2016; MARCON; PRUDÊNCIO; GESSER, 2016).

Todavia, mesmo na universidade, o discurso da sexualidade e diversidade afetivo-sexual também enfrenta resistência, compreensões equivocadas e preconceituosas por parte dos acadêmicos, como apontou Silva e Neves (2015). A partir do diagnóstico de que os profissionais não estão preparados para enveredar à temática sexual com propriedade, surgem trabalhos como o de Lima *et al.* (2015). As autoras apresentam uma intervenção de orientação psicanalítica realizada com professores do ensino fundamental em que focalizam a promoção do diálogo em grupo sobre as dificuldades na prática docente, nas quais a temática família, sexualidade e políticas públicas surgiram como principais elementos de impasse e angústia. Essa proposta prática é rica ao poder ir direto ao ponto central do discurso que muitas vezes inviabiliza o avanço da educação sexual nas escolas, investindo na elaboração das possíveis angústias, resistências, mal-estar e constrangimentos despertados no contato com a temática com relação à sexualidade.

Sexualidade e Prática Educativa (n=24)

A partir de significativas mudanças sociais, políticas e governamentais relacionadas à sexualidade, a escola vem sendo intimada a se alinhar aos preceitos dos direitos humanos inclusivos à diversidade (MARCON; PRUDÊNCIO; GESSER, 2016). Documentos, diretrizes e materiais didáticos estão sendo criados no intuito de auxiliar as escolas neste processo de mudança necessária e contemporânea. Entretanto, a literatura científica aponta para dificuldades na implementação e permanência de tais propostas, que obtém o contemporâneo desafio de romper com modelos higienistas, heteronormativos da sexualidade, naturalizantes do sexo e gênero (ZANATTA, *et al.* 2016; DORNELLES e DAL'IGNA, 2015; PALMA; PIASON; MANSO; STREY, 2015; OLIVEIRA e DINIZ, 2014; XAVIER FILHA, 2014; SEFFNER, 2013; NARDI e QUARTIERO, 2012).

Assim como no início histórico da educação sexual, ainda hoje são comuns intervenções focalizadas no caráter informativo, principalmente relacionado ao uso de drogas, gravidez na adolescência, DSTs, prevenção, promoção e recuperação da saúde sexual (VIEIRO *et al.*, 2015; SILVA, 2015; BARROS e COLAÇO, 2013; OLIVEIRA, *et al.* 2016; VALLI e COGO, 2013; SOUZA *et al.* 2012).

No entanto, também se evidenciam práticas que não se resumem ao foco unicamente biológico, sendo conduzidas pelo cuidado, acolhimento e reflexão, em uma visão multidisciplinar e além do discurso heteronormativo ou de qualquer modelo pré-estabelecido, assim como em constante interface com professores e familiares (OLIVEIRA, *et al.*, 2016; BORTOLINI, 2015; VIEIRO *et al.* 2015; FERRARI e ALMEIDA; 2012, MAIA; EIDT; TERRA; MAIA, 2012; MURTA *et al.* 2012; PROGIANTI e COSTA, 2011). O foco é melhorar a qualidade da comunicação entre os envolvidos para resultar em uma vivência afetivo-sexual segura e tolerante à diversidade. A proposta é incluir todas as matrizes de sentido, como família, escola, igreja, etc., para evitar familiares e professores distantes de seus filhos e alunos, assim como políticas públicas direcionadas a uma educação e sexualidade que na prática se tornam irrealis, como demonstra Russo; Arreguy (2015).

A experiência de promover uma escuta integral para as dúvidas e angústias dos jovens no que diz respeito à sexualidade é movimento que por si só traz todo o nascente necessário para germinar reflexões sobre o corpo, gênero, fantasias sexuais, relacionamentos amorosos, afetivo-sexuais, e demais elementos que podem ser intermediados pelo discurso e sua relação entre o ouvir e o falar, como aponta a experiência de Cunha e Lima (2013). Além dos alunos e seus familiares, a formação dos professores e a provocação para refletirem e elaborarem seus valores pessoais e morais é elemento novamente de destaque, uma vez que o impermeável posicionamento dos

professores dificulta a concretização de projetos perenes de educação sexual, levando à omissão e ao total silenciamento de tais práticas mesmo havendo sérias demandas (MARCON; PRUDÊNCIO; GESSER, 2016; SOUZA; SILVA; SANTOS, 2015; QUIRINO e ROCHA, 2013; GESSER, *et al*, 2012).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das discussões levantadas por esta revisão, foi possível compreender a história recente do trajeto científico, teórico e prático a respeito da temática sexualidade e educação. A educação sexual é uma posição do saber contemporâneo que investe no acolhimento e reflexão dos aspectos que envolvem as vivências e as relações humanas de alunos, pais e profissionais da saúde e da educação. Uma área que desperta curiosidade e demanda não só dos alunos, mas de todo ser sexuado, pois corresponde o modo pelo qual o sujeito se constitui e torna real sua existência.

Entretanto, apresenta-se como impreterível o investimento em formação profissional e o acolhimento da subjetividade dos professores e demais profissionais que lidarão direta ou indiretamente com a demanda afetivo-sexual em suas práticas. É o profissional qualificado e motivado ao ensino da sexualidade que poderá enveredar ao enlace das relações e discursividades humanas para que a educação sexual se afirme enquanto disciplina multidisciplinar, científica e popular.

Assim como os profissionais, alunos e familiares, também a igreja, os meios de comunicação, o Estado e quaisquer outras matrizes de significado para a vivência humana devem ser convidadas a pertinentes espaços de diálogos emancipatórios acerca da sexualidade. Este caminho não é fácil, entretanto é elemento corroborado pela literatura especializada e realidade que deve ser enfrentada para que se consiga enfim romper resistências e possibilitar o frutificar de projetos educacionais amplos, acolhedores e inclusivos da diversidade humana.

A percepção de que a sexualidade, mesmo em pleno século XXI, não é discutida com tranquilidade e naturalidade, afirma ainda mais a necessidade da temática sexual enquanto potencialidade emancipatória, entretanto, necessita de olhares cuidadosos, inclusive, e talvez acima de tudo, acolhedores da subjetividade dos profissionais para então dar o passo em direção aos alunos e seus familiares.

Nesse sentido, apontam-se horizontes para novas pesquisas em nível multidisciplinar, correlacional e qualitativo que promovam delicadas estratégias para que a educação sexual chegue às camadas conservadoras e no centro dos problemas que impedem seu avanço na escola e na

sociedade. Se a família é resistente, é preciso compreender a resistência. Se o discurso religioso impossibilita avançar, é imprescindível compreendê-lo e abrir-se ao diálogo com a igreja. E assim, a universidade e as pesquisas devem atentar-se a relação construída e intermediada por tais discursos, compreendendo e produzindo material que toque desde as bases populares, emanando em práxis que venham a possibilitar a autonomia e potencialidade do ser.

4 REFERÊNCIAS

ANDRES, Suélen de Souza; JAEGER, Angelita Alice; GOELLNER, Silvana Vilodre. Educar para a diversidade: gênero e sexualidade segundo a percepção de estudantes e supervisoras do programa institucional de bolsa de iniciação à docência (UFSM). **Revista da Educação Física**, v.26, n.2, p.167-179, 2015.

BARROS, João Paulo Pereira; COLAÇO, Veriana de Fátima Rodrigues. Sentidos sobre “sexualidade” e “drogas” entre adolescentes no contexto escolar. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v.13, n.1, p.63-85, 2013.

BORTOLINI, Alexandre. O sujeito homossexual como tema de aula: limites e oportunidades didáticas, **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 45, p. 479-501, dez. 2015.

BRANCALEONI, Ana Paula, Leivar; OLIVEIRA, Rosemary Rodrigues de. Silêncio! Não desperte os inocentes: sexualidade, gênero, e educação sexual a partir da concepção de educadores. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, n. esp. n.2, v.10, p.1445-1461, 2015.

SOUZA-LEITE, Célia Regina Vieira de; BRUNS, Maria Alves de Toledo. A (des)construção da verticalidade das relações de gênero e sexualidade. In: BRUNS, Maria Alves de Toledo; SOUZA-LEITE, Célia Regina Vieira de (org.) **Gênero, Diversidades e Direitos Sexuais: nos laços da inclusão**. Curitiba, PR: CRV, p.15-38, 2012.

BRUNS, Maria Alves de Toledo; GRASSI, M. V. F. C.; FRANÇA, Carlos. Educação sexual numa visão mais abrangente. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v.6, n.1, p.60-66, 1995.

_____. Sexualidade trans na interface com as relações de gênero. **Revista de Enfermagem UFPE**, n. esp. 7, set, 2013.

_____. Psicoterapeutas iniciantes: os desafios das diversidades afetivo-sexuais. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v.63, n.1, p.64-74, 2011.

BUTLER, Judith. Regulações de gênero, **Cadernos Pagu**, n.42, p.249-274, jan./jun. 2014.

CEDARO, José Juliano; VILAS BOAS, Luana Michele da Silva; MARTINS, Renata Moreno. Adolescência e sexualidade: um estudo exploratório em uma escola de Porto Velho – RO. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v.32, n.2, p.320-339, 2012.

CHAUÍ, M. S. **Repressão Sexual essa nossa (des)conhecida**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CIAFFONE, Adriane Costa e Rocha; GESSER, Marivete. Integração Saúde e Educação: Contribuições da Psicologia para a Formação de Educadores de uma Creche em Sexualidade Infantil. **Psicologia Ciências e Profissão**. v.34, n.3, pp.774-787, 2014.

COSTA, Jurandir Ferreira. Sexo e Amor em Santo Agostinho. In: LOYOLA, Maria Andréa (org.): **A sexualidade nas ciências humanas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 133-159, 1998.

CUNHA, Cristiane de Freitas; LIMA, Nádia Laguárdia de. A escuta de adolescentes na escola: a sexualidade como um sintoma escolar. **Estilos da Clínica**, v.18, n.3, p.508-517, 2013.

DORNELLES, Priscila Gomes; DAL'IGNA, Maria Cláudia. Gênero, sexualidade e idade: tramas heteronormativas nas práticas pedagógicas da educação física escolar. **Educação e Pesquisa**, v.41, n.spe, p.1585-1599, 2015.

ESPERANÇA, Ângelo Cabral ; SILVA, Iolete Ribeiro da; NEVES, André Luiz Machado das. Significados e sentidos sobre homossexualidade entre docentes: uma análise sócio-histórica. **Temas em Psicologia**, v.23, n.3, p.739-749, 2015.

FERRARI, Anderson; ALMEIDA, Marcos Adriano de. Corpo, gênero e sexualidade nos registros de indisciplina. **Educação & Realidade**, vol.37, n.3, p.865-885, 2012.

FERRARI, Anderson. Experiência homossexual no contexto escolar. **Educar em Revista**, n.spe-1, p.101-116, 2014.

FIGUEIRÓ, Maria Neide. 1998. "Reverendo a História da Educação Sexual no Brasil: ponto de partida para a construção de um novo rumo". **Nuances: Estudos sobre Educação**, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 123-133, set. 1998.

_____. Educação sexual: professores não podem doutrinar. Pais e mães podem? In: DESIDÉRIO, Ricardo (org.). **Sexualidade, educação e mídias: novos olhares, novas práticas**, p.97-110, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 1: a vontade de saber**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GAVA, Thais; VILLELA, Wilza Vieira. Educação em Sexualidade: desafios políticos e práticos para a escola. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n.24, p.157-171, 2016.

GESSER, Marivete; OLTRAMARI, Leandro Castro; PANISSON, Gelson. Docência e concepções de sexualidade na educação básica. **Psicologia & Sociedade**, v.27, n.3, p.558-568, 2015.

GESSER, Marivete; OLTRAMARI, Leandro Castro; CORD, Denise; NUERNBERG, Adriano Henrique. Psicologia escolar e formação continuada de professores em gênero e sexualidade. **Psicologia Escolar e Educacional**, v.16, n.2, p.229-236. 2012.

GONINI, F. A. C.; RIBEIRO, P. R. M. A sexualidade e sua construção histórica: alguns apontamentos para educadores que trabalham com educação sexual. In: JABONERO, M. B.; BRIS, M. M.; ARIAS, A. M.; BIZELLI, J. L. **Miradas diversas de la educación en Iberoamérica**. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2015.

LIMA, Nádia Laguárdia de et al. Psicanálise e Educação: um tratamento possível para as queixas escolares. *Educação & Realidade*, v.40, n.4, p.1103-1125, 2015.

MADUREIRA, Ana Flávia do Amaral; BRANCO, Ângela Uchoa. Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as. **Temas em Psicologia**, v.23, n.3, p.577-591, 2015.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; REIS-YAMAUTI, Verônica Lima dos; SCHIAVO, Rafaela de Almeida; CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho; VALLE, Tânia Gracy Martins do. Opinião de professores sobre a sexualidade e a educação sexual de alunos com deficiência intelectual. **Estudos de Psicologia**, v. 32, n.3, p.427-434, 2015.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; EIDT, Nadia Mara; TERRA, Bruna Mares; MAIA, Gabriela Lins. Educação sexual na escola a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicologia em Estudo**, v.17, n.1, p.151-156, 2012.

MARCON, Amanda Nogara; PRUDENCIO, Luísa Evangelista Vieira; GESSER, Marivete. Políticas públicas relacionadas à diversidade sexual na escola. **Psicologia Escolar e Educacional**, v.20, n.2, p.291-302, 2016.

MEDEIROS, Robinson Dias de et al. Impacto da inserção da temática saúde sexual e reprodutiva na graduação de Medicina. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v.36, n.3, p.107-112, 2014.

MOTTA, Jose Inácio Jardim; RIBEIRO, Victória Maria Brant. Quem educa queer: a perspectiva de uma analítica queer aos processos de educação em saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.18, n.6, p.1695-1704, 2013.

MURTA, Sheila Giardini; ROSA, Isabela Oliveira; MENEZES, Jordana Calil Lopes de; RIEIRO, Marcella Regina Silva; BORGES, Ohary de Sousa; PAULO, Sílvia Guimarães de; OLIVEIRA, Verônica de; Ribeiro, Danilo Cruvinel; DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda. Direitos sexuais e reprodutivos na escola: avaliação qualitativa de um estudo piloto. **Psicologia (UNB): teoria e pesquisa**, v.28, n.3, p.355-344, 2012.

NARDI, Henrique Caetano; QUARTIERO, Eliana. Educando para a diversidade: desafiando a moral sexual e construindo estratégias de combate à discriminação no cotidiano escolar. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n.11, p.59-87 2012.

NERY, Inez Sampaio; FEITOSA, Jairo José de Moura; SOUSA, Álvaro Francisco Lopes de; FERNANDES, Ana Catharina Nunes. Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. **Acta Paulista de Enfermagem**, v.28, n.3, p.287-292, 2015.

NICOLINO, Aline da Silva; PARAISO, Marlucy Alves. Escolarização da sexualidade no estado de Goiás: o que mostram as dissertações e teses. **Educar em Revista**, n.spe-1, pp.171-193, 2014.

OLIVEIRA, Rebeca Nunes Guedes de; GESSNER, Rafaela; SOUZA, Vânia de and FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. Limites e possibilidades de um jogo online para a construção de conhecimento de adolescentes sobre a sexualidade. *Ciênc. saúde coletiva*. v.21, n.8, p.2383-2392, 2016.

OLIVEIRA, Rosana Medeiros de; DINIZ, Debora. Materiais didáticos escolares e injustiça epistêmica: sobre o marco heteronormativo. **Educação e Realidade**, v.39, n.1, p.241-256, 2014.

PALMA, Yáskara Arrial ; PIASON, Aline da Silva; MANSO, Almudena Garcia; STREY, Marlene Neves. Parâmetros curriculares nacionais: um estudo sobre orientação sexual, gênero e escola no Brasil. **Temas em Psicologia**, v.23, n.3, p.727-738, 2015.

PASCHE, Aline de Moraes Limeira; NASCIMENTO, Fátima Aparecida do. “Atos que a decência manda calar”: aspectos da relação entre escola, magistério e sexualidade no século XIX. **Pro-Posições**, v.27, n.3, p.179-200, 2016.

PINHO, Raquel; PULCINO, Rachel. Desfazendo os nós heteronormativos da escola: contribuições dos estudos culturais e dos movimentos LGBTTT. **Educação e Pesquisa**, v.42, n.3, p.665-681, 2016.

PROGIANTI, Jane Márcia; COSTA, Rafael Ferreira da. Práticas educativas desenvolvidas por enfermeiras: repercussões sobre vivências de mulheres na gestação e no parto. **Revista brasileira de enfermagem**, v.65, n.2, p.257-263, 2012.

QUIRINO, Glauberto da Silva; ROCHA, João Batista Teixeira da. Prática docente em educação sexual em uma escola pública de Juazeiro do Norte, CE, Brasil. **Ciência & educação**, v.19, n.3, p.677-694, 2013.

QUIRINO, Glauberto da Silva; ROCHA, João Batista Teixeira da. Sexualidade e educação sexual na percepção docente. **Educar em Revista**, n.43, p.205-224, 2012.

RUFINO, Andréa Cronemberger; MADEIRO, Alberto Pereira; GIRAO, Manoel João Batista Castello. O Ensino da sexualidade nos cursos médicos: a percepção de estudantes do Piauí. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v.37, n.2, p.178-185, 2013.

RUSSO, Kalline; ARREGUY, Marília Etienne. Projeto "Saúde e Prevenção nas Escolas": percepções de professores e alunos sobre a distribuição de preservativos masculinos no ambiente escolar. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v.25, n.2, p.501-523, 2015.

SANTOS, Claudiene; BRUNS, Maria Alves de Toledo. **A educação sexual pede espaço: novos horizontes para a práxis pedagógica**. São Paulo: Ômega, 2000.

SANTOS, Ivan Luis dos; MATTHIESEN, Sara Quenzer. Orientação sexual e educação física: sobre a prática pedagógica do professor na escola. **Revista da Educação Física**, v.23, n.2, p.205-215, 2012.

SEFFNER, Fernando. Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. **Educação e Pesquisa**, v.39, n.1, p.145-159, 2013.

SFAIR, S.; BITTAR, M. & LOPES, R. 2015. “Educação sexual para adolescentes e jovens: mapeando proposições oficiais”. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.24, n.24, p. 620-632, jun. 2015.

SILVA, Renan da. Quando a escola opera na conscientização dos jovens adolescentes no combate às DSTs. **Educar em Revista**, n.57, p.221-238, 2015.

SILVA, Rosimeri Aquino da; SOARES, Rosângela. Sexualidade e identidade no espaço escolar: notas de uma atividade em um curso de educação a distância. **Educar em Revista**, n.spe-1, p.135-151, 2014.

SOUSA NETO, Ariel et al. Programa de educação pelo trabalho para a saúde nas escolas: oficina sobre sexualidade. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v.36, n.1, suppl.1, p.86-91, 2012.

SOUZA, Elaine de Jesus; SILVA, Joilson Pereira da; SANTOS, Claudiene. Educação Sexual na Escola: concepções e modalidades didáticas de docentes sobre sexualidade, gênero e diversidade sexual. **Interfaces Científicas**, v.3, n.3, p.51-62, 2015.

SOUZA, Laís Machado de; MORAIS, Roberta Laíse Gomes Leite; OLIVEIRA, Juliana da Silva. Direitos sexuais e reprodutivos: influências dos materiais educativos impressos no processo de educação em sexualidade. **Saúde em Debate**, v.39, n.106, p.683-693, 2015.

SOUZA, Pâmela Leites de et al. Projetos PET-Saúde e Educando para a Saúde: construindo saberes e práticas. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v.36, n.1, suppl.1, p.172-177, 2012.

UMAN, Lindsay, S. Systematic Reviews and Meta-Analyses. **Journal of the Canadian Academy of Child and Adolescent Psychiatry**, v.20, n.1, p.57-59, 2011.

VALLI, Gabriela Petró; COGO, Ana Luísa Petersen. Blogs escolares sobre sexualidade: estudo exploratório documental. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v.34, n.3, p.31-37, 2013.

VIANNA, Claudia; UNBEHAUM, Sandra. 2006. “Gênero na Educação Básica: quem se importa? Uma análise de documentos de Políticas Públicas no Brasil”. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 95, p. 407-428, mai./ago. 2006.

_____. Gênero, sexualidade e políticas públicas de educação: um diálogo com a produção acadêmica. **Pro-Posições**, v.23, n.2, p.127-143, 2012.

VIERO, Vanise dos Santos Ferreira et al. Educação em saúde com adolescentes: análise da aquisição de conhecimentos sobre temas de saúde. **Escola Anna Nery**, v.19, n.3, p.484-490, 2015.

WENETZ, Ileana; STIGGER, Marco Paulo; MEYER, Dagmar Estermann. As (des)construções de gênero e sexualidade no recreio escolar. **Revista Brasileira de Educação Física E Esporte**, v.27, n.1, p.117-128, 2013.

XAVIER FILHA, Constantina. Gênero, corpo e sexualidade nos livros para a infância. **Educar em Revista**, n.spe-1, p.153-169, 2014.

ZANATTA, Luiz Fabiano; MORAES, Sílvia Piedade de; FREITAS, Maria José Dias de; BRETAS, José Roberto da Silva. A educação em sexualidade na escola itinerante do MST: percepções dos(as) educandos(as). **Educação e Pesquisa**, v.42, n.2, p.443-458, 2016.

ZERBINATI, João Paulo; BRUNS, Maria Alves de Toledo. A sexualidade feminina contextualizada no filme “The Witch”. **Leitura Flutuante**, v.8, n.1, p.77- 81, 2016.

Title

Sexuality and Education: systematic review of national scientific literature.

Abstract

The discussion about sexuality in the context of education involves the practice of comprehensive projects that aim offer spaces for emancipatory reflections related to affective-sexual phenomena. From the informative scope to the problematization of sexuality and gender, sexual education is a discipline in contemporary evidence for its historical, political, social and human need. However, it is also a historical fact to confront the strong resistance, which continues even in the 21st century. In this context, this paper aims to investigate the perspectives of research in sexuality and education interface, presenting and discussing the profile of the national scientific articles published in the last five years. The method of systematic review and meta-analysis was used, which enables a detailed, comprehensive and relevant investigation on the phenomenon investigated. There were 47 articles chosen and categorized for discussion based on the thematic axes listed after reading the material found: (1) Theoretical Investigation; (2) Review of Knowledge Produced; (3) Family and Sexual Education; (4) The Look of the Professional; (5) The Student Dimension; (6) Sexuality and Educational Practice. This review made it possible to understand notorious reflexive, multidisciplinary, political, social, theoretical and practical advances in Sexual Education. However, there are horizons in which there is much to be done in order to reach the real and permanent inclusion of affective-sexual diversity in the educational environment and in society in general. The contemporary challenge is the formation and continuous formation, especially of the professionals of education and health whose praxis emerges in the contact with such aspects of the affective-sexual plurality. Making possible the promotion of delicate strategies for pertinent dialogues with the most different matrices of meanings of human experience, such as family, church, state and media.

Keywords

Sexuality; education; sex education; systematic review.

Recebido em: 01/04/2017.

Aceito em: 19/04/2017.